

EXISTEM MANGÁS FORA DO JAPÃO? UM ESTUDO DE CASO SOBRE A *MENINA DO NARIZ ARREBITADO*

Cristiane Gonçalves Lemes (NuPeQ/UEMS) ¹

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS/NuPeQ/ASPAS/ Seleprot) ²

RESUMO

A menina do nariz arrebitado é um mangá nacional, inspirado na obra homônima de Monteiro Lobato, que conta as aventuras de Narizinho, apelido de Lúcia Encarrabodes de Oliveira, que vive com a avó Dona Benta no *Sítio do Pica-pau Amarelo*. Lúcia juntamente com a boneca Emília vivem uma aventura nas profundezas do ribeirão que atravessa o Sítio. Ao conhecer o Príncipe Escamado, a garotinha desbravará o Reino das Águas Claras, ameaçado por um perigo aterrorizante. A versão analisada assumiu o formato de um mangá, típico quadrinho japonês, seja na leitura, no formato e nas ilustrações, mas feito no Brasil por artistas brasileiros: Davi Simão Junior (roteiro) e Renato Martins Zacarias (desenho). Para McCloud (2008), o mangá é caracterizado por personagens icônicos, maturidade genérica, um forte senso de localidade, uma ampla variedade de design de personagens, uso frequente de quadrinhos sem palavras, pequenos detalhes do mundo real, movimento subjetivo e vários efeitos emocionais expressivos. Se por um lado, ainda há muito preconceito com a leitura de gibis no Brasil, “No Japão, não há nenhum preconceito ligado à leitura de quadrinhos. Eles são consumidos em números verdadeiramente impressionantes (alguns quadrinhos semanais vendem milhões de cópias por edição) por todas as classes sociais e idades. Há quadrinhos sobre teoria econômica, mah jongg, histórias de amor entre homossexuais masculinos feitas para garotas pré-adolescentes, assim como contos mais familiares, de samurais, robôs e mutantes”. (SPIEGELMAN, 2002). Assim vamos problematizar se a obra, sendo produzida no Brasil, se encaixa como mangá com base em Luyten (2012), Gomes, Paz e Nascimento (2020) e McCloud (1995).

Palavras-chaves: Mangá. Monteiro Lobato. Sítio do Pica-pau Amarelo.

¹Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos (NuPeQ/UEMS).

²Realiza estágio pós-doutoral em Geografia (UERJ), pós-doutor em Língua Portuguesa (UERJ), Doutor em Linguística (UFRJ), professor do programa de pós-graduação (Mestrado Acadêmico e Profissional) em Letras pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul e Líder do Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos (NuPeQ/UEMS).

INTRODUÇÃO

O presente artigo é uma investigação sobre a adaptação de uma obra clássica de Monteiro Lobato no formato de mangá. O foco está no público infante-juvenil com linguagem acessível, humor e fantasia. As obras foram publicadas em diferentes épocas, evidenciando que algumas obras são atemporais e que ganham vida e autonomia em diferentes suportes, como nos quadrinhos, apesar da independência deles, assim como o cinema em relação ao teatro. Investigaremos a origem dos mangás, seus criadores e principais obras no Japão e no mundo até chegar no mangá nacional de Davi Júnior e Renato Zacarias.

SOBRE OS MANGÁS

Conforme Gomes, Paz e Nascimento (2020), para conhecer a trajetória do mangá é preciso voltar ao século XVIII, no período Nara (710–794 d.C.), com o surgimento do Emakimono – rolos de pintura com narrativas ilustradas, cujo primeiro pergaminho foi o *Ingá Kyo*.

Figura 1 – Ingá Kyo

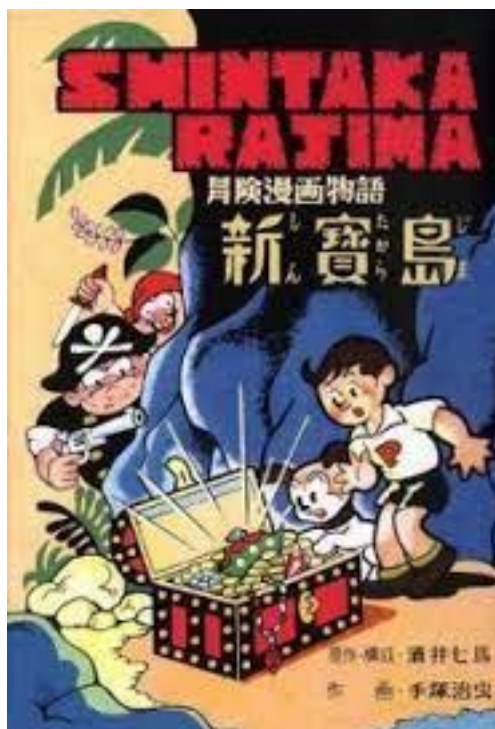


O mangá, como é conhecido hoje, surgiu no século XVIII, quando os artistas deixaram de lado o uso dos rolos de pergaminhos de tecidos e começaram a usar livros. Surge o *Kibyoshi*. Katsushika Hokusai lançou *Hokusai Mangá*, juntando dois estilos em 15 volumes, então os quadrinhos passaram a ser chamados de mangás. De acordo com Chinen:

Mangá, em japonês, é o termo que abrange uma ampla gama de formas de ilustrações de caráter de entretenimento e lazer, o que comporta caricaturas, charges e ilustrações cômicas. Nos últimos anos, porém, a palavra mangá está mais identificada com as histórias em quadrinhos em “estilo” japonês. (CHINEN, 2013, p. 6)

Osamu Tezuka foi quem mais contribuiu para o desenvolvimento do que podemos chamar de mangá moderno. Tezuka abandona a carreira de médico em 1946, criando *Shin Takarajima* (*A nova Ilha do Tesouro*).

Figura 2 – capa de *Shin Takarajima (A nova Ilha do Tesouro)*



Para Sato:

Antes de Tezuka, os personagens de mangá não tinham olhos grandes e o anime mal existia. Depois dele, a história cultural do Japão mudou para sempre. Hoje, a obra de Tezuka permanece viva através de um museu e de sua produtora, dirigida por seu filho. (SATO, 2013)

A nova Ilha do Tesouro é baseado no romance homônimo de Robert Louis Stevenson, o que fez com que grandes obras da literatura mundial acabassem tendo suas versões em mangá, como, por exemplo, os clássicos *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes e *Os Lusíadas*, de Camões.

As características principais do mangá podem ser destacadas por Thomas,

Como os romances japoneses, os mangás são lidos da direita para a esquerda. Geralmente a leitura começa no topo de uma página e segue para a esquerda, depois para baixo, na mesma página. O mangá geralmente justapõe quadros claramente definidos de vários tamanhos com balões de fala contendo diálogos e onomatopéias embutidos na imagem. A narrativa onisciente de terceira pessoa é frequentemente apresentada em caixas com ângulos claramente delineados. (...) Planos de fundo padronizados indicam poderosa tensão emocional ou ação mágica ou sobrenatural, enquanto mudanças entre tinta e utensílios de desenho - combinado com o uso moderado de cores fortes - contribuem para o impacto emocional de certas cenas. (THOMAS, 2008, p.13)

É comum que os mangás narrem aventuras heroicas, não raro, acontecidas em um passado glorioso, mas idealizado. Conforme Moriya,

Os heróis japoneses se aproximam mais, em seu modo de ser, sentir e agir, das pessoas comuns, crescendo e evoluindo (tanto cronológica como psicologicamente) conforme a narrativa se desenrola, com começo, meio e fim para a história. (MORIYA, 2011, p. 31)

Faria afirma que:

Os desenhos de linhas simples (de influência chinesa) e estilizadas, e com personagens de olhos grandes surgiram porque a maioria da população era analfabeta no kanji e essa era a melhor maneira de transparecer os sentimentos das personagens sem a utilização de ideogramas. (FARIA, 2004, p. 13)

O mangá fez muito sucesso no Brasil. Exemplos de mangás muito conhecidos são *Speed Racer*, *Jaspion*, *Changeman*, *Spectreman* e *Cavaleiros do Zodíaco*, e, mais recentemente, *Vagabond* (que conta a história do legendário samurai Miyamoto Musashi) e *Berserk*.

A MENINA DO NARIZ ARREBITADO, DE MONTEIRO

Publicada na Revista do Brasil, a versão é escrita por Monteiro Lobato, ilustrada por Voltolino (pseudônimo de João Paulo Lemmo Lemmi), no início de 1920, “A menina do narizinho arrebitado”, traz em suas páginas uma forma gráfica da língua portuguesa completamente diferente da que utilizamos nos dias atuais. Sua versão traz personagens como Dona Benta, Anastácia, Lúcia, “... seu apelido é “Narizinho Rebitado” ...” (Lobato, 1920, p. 4 PDF), a boneca Emília “... a excellentíssima Senhora Dona Emília, uma boneca de pano, fabricada pela preta muito feiosa, a pobre com seus olhos retroz preto e as sombrancelhas tão lá em cima que é ver uma cara de bruxa.” (Lobato, 1920, p. 4 PDF), Príncipe Escamado e todos os animais do Reino das Águas Claras. Brero diz que:

Em 1920, Monteiro Lobato publicou em fragmentos a história de Lúcia ou a Menina do Narizinho Arrebitado na Revista do Brasil, à época de sua propriedade. No natal do mesmo ano, o escritor lança A Menina do Narizinho Arrebitado, tendo como subtítulo Livro de figura; publicado pela Monteiro Lobato e Cia/Revista do Brasil, o livro continha 43 páginas, era cartonado, com formato de 29 x 22 cm, e com ilustrações coloridas de Voltolino. (BRERO, 2003, p.16)

Figura 3 – capa de A menina do narizinho arrebitado



A fábula conta as aventuras de uma menina e sua boneca de pano “...Fóra esta bruxa de panno, o outro encanto de Narizinho é um ribeirão que passa no fundo do pomar, de aguas tão claras que se vêem as pedras no fundo e toda a peixaria miúda” (Lobato, 1920, p. 5 PDF). Narizinho, passa as tardes sentada à beira do rio para alimentar os peixes como nos relata Lobato:

Não se passa um dia sem que Lúcia vá sentar- se à beira d’agua , na raiz de um velho ingazeiro, alli ficando horas, a ouvir o barulhinho da corrente e a dar comida aos peixes. E elles bem que a conhecem! É vir chegando a menina e todos lá vêm correndo, de longe, com as cabecinhas erguidas, numa grande famiteza. Chegam primeiro os piquiras, os guarús barrigudinhos, de olhos saltados; vêm depois os lambarys ariscos de rabo vermelho; e finalmente uma ou outra parapitinga desconfiada. (LOBATO, 1920, p.5 PDF)

O encontro do peixe escamado e besouro com Narizinho e Emília ocorre enquanto a menina tira uma soneca, como relata Lobato (1920, p. 5 PDF) “certa vez, estando a menina à beira do rio, com sua boneca, sentiu os olhos pesados e uma grande lombeira pelo corpo. Estirou-se na relva e logo dormiu, embalada pelo murmurinho do ribeirão”. Foi durante seu sonho que Narizinho é convidada a conhecer o Reino das águas claras pelo Príncipe Escamado, que ao chegar nas profundezas do ribeirão ordena que seus súditos providenciem uma grande e inesquecível festa. Durante a festividade algo terrível acontece abalando a todos.

Observamos que Lobato utilizou uma linguagem simples beneficiando a leitura de qualquer pessoa, em especial as crianças. O livro possui semelhantes aos desenhos infantis, com traços simples, pouca expressão facial dos personagens, com páginas coloridas e também em preto e branco com o intuito de chamar a atenção do leitor, provocar sua imaginação e influenciar na rotina familiar e social.

Figura 4 – Dona Benta, Narizinho, Emilia e Tia Anastácia- Livro: *A menina do narizinho arrebitado*



Para Faria:

[...] O aprendizado da leitura não dispensa, desde o início da alfabetização, os livros para crianças. O trabalho de automatização de decodificação deve ser concomitante com o da leitura de textos variados. Daí, na iniciação literária desde a pré-escola, a importância dos livros de imagem, com ou sem texto escrito, no trabalho com as narrativas. Eles podem ser uma grande alavanca na aquisição da leitura, para além da simples decodificação. (FARIA, 2008, p.22)

Assim como nos livros infantis, a utilização de ilustrações em histórias em quadrinhos auxilia no “processo de decodificação” e interpretação da mensagem transmitida pelo autor. McCloud (1995, p.9) defende que “...histórias em quadrinhos são imagens pictóricas e justapostas em sequência deliberada, destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”. Eisner (2013) defende a ideia de que a imagem pode reproduzir o cotidiano ou simplesmente exagerar. Portanto, a utilização do texto verbal e não verbal complementam-se para a construção de sentido, princípios e experiências vivenciadas por diferentes pessoas.

A seguir, falaremos sobre a produção de mangás fora do Japão e suas características.

ANÁLISE DO MANGÁ A *MENINA DO NARIZ ARREBITADO*

Com a chegada de imigrantes japoneses ao Brasil, após a Segunda Guerra Mundial, o consumo de mangás aumentou significativamente como relatam Corrêa e Gomes:

As histórias em quadrinhos japonesas, conhecidas como mangás, atravessaram o mundo e chegaram ao Brasil competindo com os quadrinhos tradicionais norte-americanos. (CORRÊA & GOMES, 2012, p.498)

Para que a cultura japonesa continuasse viva, os imigrantes e descendentes importavam os mangás que chegavam por navios, vindos diretamente do Japão, onde eram distribuídos por editoras às bancas de jornais e livrarias “...localizadas no bairro da Liberdade, em São Paulo que enviavam para o interior do estado e Paraná, nas colônias nipônicas” (CORRÊA & GOMES, 2012, p.502). Luyten (2000) explica que o sucesso dos mangás no ocidente refere-se principalmente à cultura, política, social e econômica de um povo, que vive de forma oposta ao que os ocidentais estão acostumados. Frank Miller, ao conhecer as histórias em quadrinhos japonesas decidiu criar *Ronin* como explica Santos:

O grande marco no conhecimento do mangá fora do Japão foi através do desenhista norte americano Frank Miller que, inspirado nas histórias de cunho heróico japonesas, produz em 1983 *Ronin*, a saga de um samurai sem mestre, aventura narrada em quase 300 páginas revolucionando o mercado. (SANTOS, 2011, p.5)

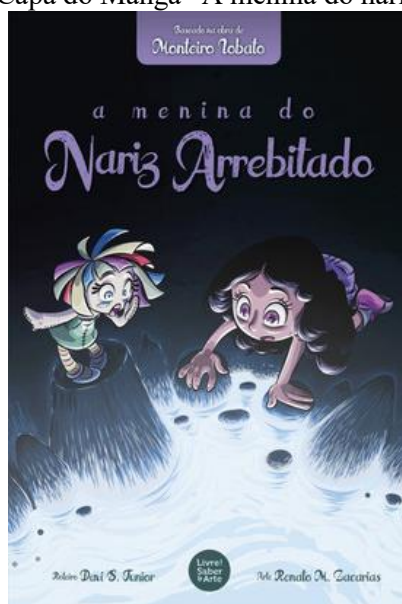
Na época, as histórias de super-heróis estavam em queda e Miller resolveu inovar. Já no Brasil, de acordo com Carlos (2009, p. 9) “*Lobo Solitário* é considerado oficialmente o primeiro Mangá a ser publicado no Brasil, em 1988. Dois anos depois foi a vez de *Akira*”. *Lobo Solitário* e *Akira* são alguns exemplos de mangás que conquistaram leitores no ocidente entre as décadas de 1970 e 1990.

As publicações de histórias em quadrinhos japonesas se diferenciam das produções americanas como explica Rosa.

O mangá é comumente visto no Brasil, apenas como uma forma de HQ para crianças, oriunda do Japão, onde a leitura é feita de trás para frente e os personagens são desenhados com olhos enormes... Não há dúvidas de que o mangá realmente tem personagens de olhos grandes... (ROSA, 2011, p. 12)

O mangá *A menina do nariz arrebitado*, de Davi Simão Júnior e Renato Martins Zacarias é uma obra nacional inspirada no primeiro livro da série *Pica-Pau Amarelo*, intitulado de *A menina do narizinho arrebitado*, publicada no ano de 1920 por Monteiro Lobato. A história se passa no Sítio do Pica-Pau Amarelo, onde Lúcia (Narizinho), Dona Benta e Tia Anastácia moram.

Figura 5 – Capa do Mangá “A menina do nariz arrebitado”



Certo dia, Tia Anastácia, decide confeccionar uma boneca de pano para fazer companhia à Narizinho, que sentia-se só e com saudades do primo Pedrinho, que mora na cidade. Especialista em confeccionar bolinhos de polvilho e muito falante, Narizinho juntamente com sua boneca decide se aventurar lá para os lados do ribeirão que atravessa o sítio, resolve descansar embaixo de uma árvore ouvindo o barulho das águas. E ao adormecer, conhece o “Príncipe Escamado”, que a convida para conhecer o Reino das Águas Claras. Ela juntamente com sua boneca embarcam na maior e mais emocionante aventura...

Figura 6 – Narizinho descansando próximo ao ribeirão



As ilustrações são todas em preto e branco, os personagens desenhados de forma delicada, onde, lembram a cultura japonesa (olhos grandes, corpos esguios e roupas modernas) e com essas

características a obra é classificada como Kodomo (para o público infantil), mas qualquer adulto com alma de criança se encantará facilmente com as aventuras de Narizinho e sua boneca.

Com sete capítulos e 200 páginas, o mangá, traz informações sobre a vida e obras de Monteiro Lobato; nomes dos principais autores de mangás como Osamu Tezuka, Masami Kurumada, Akira Toriyama, Eiichiro Oda e Akira Himekawa. E ao final da história, traz, de forma divertida, a ficha técnica dos personagens como: nome, idade, peso, altura, data de nascimento, tipo sanguíneo, etc...

Para, apaixonados por William Shakespeare, Davi e Renato, prepararam uma surpresa citando uma famosa frase da peça *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca...*

Há também uma apresentação, com foto e função de todos os integrantes da produção literária, tais como: roteirista, ilustrador, arte-finalista, editor.

E, para os interessados em confeccionar um mangá, há dicas importantes para a produção e execução de um projeto como *A menina do nariz arrebitado*.

A edição conta com capa cartonada, com orelhas, publicada em papel jornal como os mangás originais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar as obras de Monteiro Lobato e de Davi Júnior e Renato Zacarias, percebemos que as obras com muitos pontos de convergência, embora cada uma respeite o seu objetivo, público e suporte. Há um toque de personalidade de cada artista e características reservadas a cada época para tais publicações. Em 1920, a ortografia era outra, o acesso à informação ainda era pequeno, o país estava se industrializando, os quadrinhos ainda não haviam se popularizado. O surgimento da primeira versão da história, no século XX, não impediu que Lobato juntamente com Voltolino utilizassem a imaginação trazendo ao universo infantil uma obra ilustrada, com traços infantis, provocando a imaginação de quem lia as páginas da interessante fábula.

Voltando para o século XXI, percebemos que o mangá traz, em suas páginas, uma história atemporal, mas que é adaptada para novos leitores, por meio do formato dos mangás, com ilustrações baseadas na cultura oriental, mas de uma forma delicada, refinada e simples, reafirmando o velho dizer popular que “... o sucesso está nas coisas simples”. Ao ler as obras (original e em formato de mangá), revivemos a nossa infância e todos os prazeres que só a inocência de uma criança é capaz de proporcionar.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4. ed. Trad.: M. Lahud e Y.W. Pereira. São Paulo: Hucitec, 1988.

BRANDÃO, J.; ALVES, V. As linguagens verbal e não verbal nas histórias em quadrinhos: a questão da coerência textual. In: BRANDÃO, J. (org). **Novas questões sobre a imagem: de objeto de pesquisa a pesquisa do objeto**. Embu-Guaçu, SP: Lumen et Virtus, 2015. cap. 6, p. 203-229.

BRERO, Caroline Elizabeth. **A recepção crítica das obras: A menina do nariz arrebitado (1920) e Narizinho arrebitado (1921)**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual Paulista-Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2003.

CALDAS, Carlos. Lobo Solitário e a perseguição aos cristãos no Japão do século XVI. In. GOMES, Nataniel dos Santos. PAZ, Ravel Giordano e NASCIMENTO, Mateus Martins do. **Animando as mangas: ensaios sobre animes e mangás**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020, p. 143-169.

CARLOS, Giovana Santana. **Mangá: o fenômeno comunicacional no Brasil**. INTERCOM- X Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul- Blumenau, 2009. p.01-15.

CORRÊA, Swellen Pereira. GOMES, Nataniel dos Santos. O Mangá no Brasil e sua linguagem. Revista Philologus, Ano 18, Nº 54 – Suplemento: Anais da V JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. p. 498-509.

CHINEN, Nobu. **Linguagem mangá conceitos básicos**. São Paulo, SP: Editora Criativo, 2013.

EISNER, W. **Narrativas gráficas de Will Eisner: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos**. São Paulo: Devir, 2013.

_____. **Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FARIA, Mônica. **Duração no mangá**. Resultados de um encontro. Pelotas: UFPel, 2004.

GOMES, Nataniel dos Santos. PAZ, Ravel Giordano e NASCIMENTO, Mateus Martins do. **Animando as mangas: ensaios sobre animes e mangás**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020.

JUNIOR, Davi S. ZACARIAS, Renato M. **A Menina do nariz arrebitado**. (1º edição). Ed. Livre! Saber e Arte. Jundiaí, 2021.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. **Mangá, o poder dos quadrinhos japoneses**. (2ª edição) São Paulo: Ed. Hedra, 2000.

MCCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

_____. **Reinventando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2006.

MORIYA, Karen Pinheiro. **Reinventando os samurais: o mangá *O Lobo acompanhado de seu Filhote* (1970-1976)**. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Ana Karolina de Melo Pessoa. **A Leitura de imagens em Mangás:** uma análise da construção textual das imagens segundo aspectos da gramática do design visual. VII Cogite-Colóquio sobre gêneros & textos. Ed. online. Agosto, 2020. p.01-19.

ROSA, Jonathan Matos. **Mangá-** Uma arte cinematográfica por excelência. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC – Artes Visuais). Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2011.

SANTOS, Janete Lopes. **Mangá:** Ascensão da cultura visual moderna japonesa no Brasil. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História- ANPUH- São Paulo, Julho – 2020. p. 01-14.

SATO, Francisco Noriyuki. **Quem foi Osamu Tezuka?** Disponível em: <http://www.culturajaponesa.com.br/index.php/cultura-pop/quem-foi-osamu-tezuka/> Acessado em: 03 de out. de 2021.